

ETNOMATEMÁTICA E OS SABERES POR TRÁS DAS TRANÇAS

Uilana Eduarda Santos de Jesus¹, Larissa Vasconcelos dos Santos², Alan dos Santos Souza³, Ismirna Israelle Pereira dos Santos⁴

¹ Estudante do Centro Estadual de Educação Profissional em Controle e Gestão do Nordeste Baiano Pedro Ribeiro Pessoa.
E-mail: Uuilanaeduarda@gmail.com

² Estudante do Centro Estadual de Educação Profissional em Controle e Gestão do Nordeste Baiano Pedro Ribeiro Pessoa.
E-mail: issavasconcelos70@gmail.com

³ Orientador/Professor do Centro Estadual de Educação Profissional em Controle e Gestão do Nordeste Baiano Pedro Ribeiro Pessoa.
E-mail: alansouza007@yahoo.com.br

⁴ Coorientadora/Professora do Centro Estadual de Educação Profissional em Controle e Gestão do Nordeste Baiano Pedro Ribeiro Pessoa.
E-mail: ismirna1@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Etnomatemática; relações étnico-raciais; penteados afro.

Introdução

Atualmente existe uma tentativa de desvalorizar e desmerecer assuntos essenciais, que fortalecem a democracia e a sociedade, tais como as desigualdades sociais, as relações étnico-raciais, a educação e a vida. Infelizmente, essas ações nefastas, são patrocinadas por quem deveria defender o estado de direito e a democracia. Ainda desmerecem e negam a ciência, menosprezam os direitos básicos e a vida, ridicularizam a morte e os sentimentos das famílias dos brasileiros que sucumbiram a pandemia do COVID 19, vítimas do descaso do desgoverno federal.

Na educação, gestores públicos anteriores, reconheceram as enormes desvantagens sociais que os afrodescendentes brasileiros sofreram nessa esfera e promoveram ações de intervenção, a exemplo da publicação das *Lei nº 10.639* de 2003 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana¹.

Segundo Souza (2020) nas escolas, as desigualdades sociais se associam com as diferenças raciais, contudo a escola pública tem a inclusão social entre suas diretrizes, de forma que a Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, 2016), explicita preocupação com o amparo aos menos privilegiados com o intuito de minimizar as desigualdades². Nesse sentido, a professora, Dr^a Nazaré Lima (2015) questiona: como a escola, “em seu papel formador e informador, de difusora de conhecimentos” (2015, p.18) tem contribuído para

¹ A Resolução CNE/CP 1/2004, estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – DCNERER que são parte de um conjunto de ações afirmativas instituídas pelo governo Lula. As diretrizes, a princípio, visam suprir a demanda da Lei nº 10.639/03, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas do país. (BRASIL, 2004)

² O documento expressa o compromisso do Estado Brasileiro com a promoção de uma educação integral e o desenvolvimento pleno dos estudantes e com a “redução das desigualdades educacionais”. (BRASIL, 2016, p. 5).

minimizar estereótipos e discriminações?

Nesse cenário, político e educacional, a Etnomatemática³ tem papel imprescindível, “é embebida de ética, focalizada na recuperação da dignidade cultural do ser humano” (D' Ambrósio, 2020). O autor, precursor do tema, conceitua-o como um programa de pesquisa em história e filosofia da matemática. Sendo que a etnomatemática traz claras consequências pedagógicas. O saudoso professor afirma que todo indivíduo desenvolve um saber e seu comportamento é refletido por esse conhecimento, assim vamos mudando nossas atitudes em função dos resultados das nossas práticas, numa transformação constante.

D'ambrosio (2020) ainda realiza algumas ressalvas com relação a falsa dicotomia entre saber e o fazer ou melhor entre a teoria e a pratica. Dessa forma é preciso reconhecer que quando uma comunidade partilha seus conhecimentos, sua linguagem, seus costumes, suas explicações para os acontecimentos do mundo, esta comunidade está interagindo e produzindo cultura.

Compreendendo que a produção de conhecimentos tem papel relevante na formação identitária Nazaré Lima (2015) critica por vezes o papel da escola ao difundir os valores e ideias da “cultura letrada” que possibilita a segregação ao apagar e distorcer histórias que “caracterizam o sujeitos alunos/as – e também professores/as”. (2015, p. 23).

Essa implicação da identidade como questão norteadora para a educação das relações étnico-raciais tem fundamento na Resolução CNE/CP n.º 01/2004⁴, que declara que as discussões no ambiente educacional sobre o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana têm por meta o reconhecimento e a valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros. (SOUZA, 2020).

Assim essa discussão ganha relevância no aspecto identitário e no cenário negacionista presente, pois:

“sistemas de conhecimento são conjuntos de respostas que um grupo dá às pulsões de sobrevivência e de transcendência, inerentes à espécie humana. São os fazeres e os saberes de uma cultura”. (D' AMBRÓSIO, 2020).

Esses fatos interessam a educação pois pode-se questionar porque a escola ainda anda tão distante dos conhecimentos do dia a dia? Porque os alunos se sentem interessados tanto pelas coisas da vida mas pouco pelos conhecimentos escolares? Para compreender esse comportamento destamos aqui um dos conceitos de *matema*: “a ação gera conhecimento que, que gera a capacidade de explicar, de lidar, de entender, gera o *matema*” (D' Ambrosio, 1996). Assim existem formas de tornar essa união possível, entre conhecimento da

³ Diante das diversas perspectivas atuais da Etnomatemática, neste estudo enfatizamos a perspectiva Etnomatemática desenvolvida por Ubiratan D'ambrosio.

⁴ Importante destacar que a obrigatoriedade do estudo da História e da Cultura Africana e Afro-Brasileira no currículo da educação escolar brasileira foi instituída a partir da Lei nº 10.639 em conjunto com outras legislações semelhantes tais como: o Parecer de nº 03, de 10 de março de 2004, do Conselho Nacional de Educação – Parecer CNE/CP nº 03/2004; e a Resolução nº 01, de 17 de junho de 2004, do Conselho Nacional de Educação.

escola com o saber popular.

Contudo, a influência de fatores socioculturais nos leva a ver a matemática como um produto cultural e não linear⁵. No Brasil podemos observar uma pluralidade de etnias, diversidade nos modos de vidas, crenças, valores e conhecimentos, esses fatores apresentam-se como um grande desafio para o ensino de matemática. Trilhar nesse desafio, abordar as relações étnico na sala de aula e relaciona-las aos conhecimentos da matemática, nos direcionou as pesquisas denominadas Etnomatemáticas, e estas podem ser uma possibilidade no âmbito escolar. Nessa perspectiva a arte de trançar os cabelos pode ser utilizada para promover a educação das relações étnico-raciais no ambiente escolar.

Materiais e Métodos

A metodologia da pesquisa é de base qualitativa, de cunho teórico-empírico e será pautada e cinco etapas: a primeira foi o levantamento bibliográfico; a segunda etapa será o levantamento quantitativo das trançistas atuantes em Catu-Ba com aplicação de questionários para a compreensão das ações desenvolvidas por estas; a terceira etapa será a análise dos assuntos matemáticos que podem ser trabalhados em sala de aula usando a técnica de trançado; na quarta etapa realizaremos uma sondagem dos estudantes do colégio Pedro Ribeiro Pessoa em Catu, no sentido de sondar a compreensão dos estudantes sobre a arte das tranças relacionando conteúdos da matemática e para as relações étnico-raciais; a quinta etapa será as análises, discussões e interpretações dos dados obtidos.

Resultados e Discussões

Nossa pesquisa bibliográfica demonstra que o aumento do interesse pelo tema. Nesse sentido, Peres e Filho (2019) no estudo sobre as relações étnico-raciais nas teses e dissertações brasileiras, entre 2008 e 2018, apontam destaque no volume de produções por área de conhecimento da educação matemática. Especificamente sobre Etnomatemática e a arte de trançar cabelos encontramos os trabalhos de Luane Bento dos Santos. A pesquisadora produziu, em 2013, a dissertação *“Para além da estética: uma abordagem etnomatemática para a cultura de trançar cabelos nos grupos afro-brasileiros”*. Luane dos Santos (2019) aponta que “sobre a presença da matemática nas cabeças trançadas não há pesquisas em andamento ou realizadas” (2019, p. 4). Os trabalhos da pesquisadora apontam caminhos e lacunas a serem exploradas.

⁵ Entendemos que essa influência é um produto do eurocentrismo e da colonização. Segundo Quijano (1997) o conceito de eurocentrismo “é o padrão de poder criado pelo *colonizador* para controlar a subjetividade dos *povos colonizados*”.

Considerações Parciais ou Finais

De forma que a abordagem tem relevância pois transcende a estética, e revela o lado anônimo dos conhecimentos matemáticos invisíveis para a sociedade brasileira, especificamente os conhecimentos empregados na prática cotidiana das mulheres Catuenses, negras trançadeiras. Contempla a lei 10.639/2003 que torna obrigatório o Ensino de História e Cultura Africana e Afrobrasileira e reforça a memória da cultura negra brasileira. Com o desenvolvimento dessa pesquisa esperamos contribuir com a produção de materiais didáticos que retratem as contribuições tecnológicas e científicas dos grupos africanos, referente ao ensino de matemática.

Objetivo geral:

Analisar se a arte dos penteados trançados pode contribuir com a educação matemática e para a educação das relações étnico raciais.

Objetivos específicos:

Discutir a arte de produzir tranças, de mulheres trançadeiras Catuenses, com os conhecimentos matemáticos da escola.

Demonstrar a importância da educação das relações étnico racial com o ensino de matemática, com a afirmação da identidade e pertencimento dos(das) estudantes.

Reafirmar a importância da cultura afro-brasileira e africana a partir do trançado

Referências

- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em: dez. 2016. Acesso em: 2 ago. 2017
- D'AMBROSIO, Ubiratan. *Educação Matemática: da teoria à prática*. Papirus Editora, 1996.
- D' AMBRÓSIO, Ubiratan. *Etnomatemática- elo entre as tradições e a modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020
- DOS SANTOS, Luane Bento. *Processos educativos no contexto dos salões de beleza afro: investigações Etnomatemáticas sobre o fazer/saber de trançadeiras negras*. 2017
- LIMA, Maria Nazaré Mota de. *Relações étnico raciais na escola: o papel das linguagens*. Salvador: EDUNEB, 2015. v. 1. 134p.
- QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina*. *Anuário Mariateguiano*, Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997
- SOUZA, Alan dos Santos. *Ensino de ciências e as relações étnico-raciais: análise da formação de licenciados (as) do PIBID e do Curso de Química no IF Baiano – Alagoinhas*, 2020. 147f.il.